

Quem é que ainda está a morrer de covid-19 em Portugal? As pessoas acima dos 70 anos, mas não só

Mortes relacionadas com a covid-19 diminuíram 99% entre Janeiro e Junho, mas ainda há pessoas a morrer com a doença, principalmente nos grupos que ainda não estão completamente protegidos com a vacina. Das 71 pessoas que morreram este mês, 44% tinha mais de 80 anos e 29% tinha entre 70 e 79 anos.

Sofia Neves

30 de Junho de 2021, 22:13



Vacinação dos idosos com mais de 80 anos em Matosinhos PAULO PIMENTA

As mortes por covid-19 em Portugal desceram cerca de 99% entre o fim de Janeiro, altura em que foi atingido o pico de óbitos relacionados com a doença no país, e a semana passada. Mas, numa altura em que Portugal já deu vários passos em frente (e alguns atrás) no caminho do regresso à normalidade e que mais de metade da população já tem a primeira dose da vacina contra a covid-19, o SARS-CoV-2 continua a matar nas faixas etárias mais vulneráveis à doença, mas também nas que não estão completamente protegidas com a vacina, dizem os especialistas.

Entre 25 e 31 de Janeiro foram contabilizados, por duas vezes, 303 óbitos por covid-19, o valor diário mais elevado desde o início da pandemia. Nessa semana, morreram 2036 pessoas, valor muito superior ao contabilizado na última semana completa de Junho (18 óbitos). Desde 31

de Março que Portugal não regista um dia com mais de dez mortes — e desde essa data, foram registados 12 dias sem qualquer óbito.

As faixas etárias em que se registaram grande parte das mortes por covid-19 desde o início da pandemia já estão quase completamente protegidas pela vacinação. Entre os portugueses com mais de 80 anos, 98% já receberam pelo menos uma dose da vacina e 93% já tem a vacinação completa. E no grupo populacional entre os 65 e os 79 anos, 98% já recebeu uma dose e 64% já recebeu ambas.

Apesar desta protecção, nos últimos meses continuam a registar-se mortes por covid-19 nas faixas etárias mais velhas. Das 71 pessoas que morreram até 29 de Junho, 44% tinha mais de 80 anos e 29% tinha entre 70 e 79 anos. E em Maio, a tendência foi semelhante, mas a diferença entre o número de mortes nas faixas etária acima de 80 anos e dos 70 aos 79 foi mais pequena: 32% das pessoas que morreram tinham mais de 80 anos e outros 28% tinha entre 70 e 79 anos. No mês anterior, em Abril, 44% das mortes por covid-19 também foram registadas em pessoas acima dos 80 anos e 29% no grupo populacional dos 70 aos 79 anos.

Ainda assim, a proporção de pessoas acima dos 70 anos a morrer de covid-19 parece estar a diminuir em relação a meses anteriores, enquanto nas faixas etárias mais jovens aumenta ligeiramente, com Abril a ser, nos últimos três meses, o período em que se registaram mais óbitos nestes grupos: 20 mortes.

Em Janeiro deste ano, o mês com mais mortes por covid-19 desde o início da pandemia, 66% das mortes ocorreram em pessoas acima dos 80 anos e 20% no grupo etário dos 70 aos 79 anos.

“A percentagem dos óbitos abaixo dos 60 está a manter-se porque ainda não existe influência da vacinação. O que estamos a observar é que, como há uma redução da letalidade acima dos 70, parece-nos que está a existir um equilíbrio para com as outras faixas etárias, mas isso é apenas o resultado da diminuição dos óbitos acima dos 60 por causa da cobertura vacinal”, diz ao PÚBLICO Carlos Antunes, matemático que participou na elaboração de alguns documentos orientadores do Governo no combate à covid-19 e que analisa os dados fornecidos pela Direcção-Geral da Saúde sobre a epidemia com frequência. “Mesmo acima de 70, ainda há muita gente sem a vacinação completa ou que até que ainda nem foi totalmente vacinado por ter tido covid-19 há menos de seis meses”.

"Aumento de casos nos jovens é comum a todo o país"

O certo é que o progresso da vacinação já está a ter efeitos na diminuição dos internamentos e das mortes, diz Miguel Prudêncio investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (iMM), da Faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa.

“Basta compararmos a incidência actual e os números de óbitos e internamentos com a incidência, internamento e óbitos de outras vagas para perceber que se não fossem as vacinas estávamos a ter um número de mortes muito superior ao actual porque as vacinas são, mais do que tudo, eficazes para combater as formas mais graves da doença e que levam à hospitalização e à morte.

No entanto, o investigador afirma que é preciso não esquecer que o grupo da população acima dos 80 anos inclui pessoas tendencialmente mais frágeis e vulneráveis em termos de saúde, muitas vezes com outras comorbilidades, o que pode explicar o facto de ainda existirem mortes por covid-19 a ocorrer mesmo nos grupos quase totalmente protegidos.

Ao contrário do que acontece com as mortes, os novos casos de infecção estão agora a ser registados em camadas populacionais muito mais jovens. No mês de Maio, 19% dos cerca de 12 mil casos registados foram diagnosticados na faixa etária dos 20 aos 29 anos e uma percentagem semelhante foi registada no grupo dos 40 aos 49 anos (17%) e na dos 30 aos 39 anos (16%).

Até 29 de Junho, foram diagnosticados 757 casos na população portuguesa acima dos 80 anos, a faixa etária com menos casos registados neste mês. Ao todo, apenas 11% das infecções de Junho foram diagnosticadas nas pessoas acima dos 60 anos. Por outro lado, 21% (mais de seis mil casos) foram contabilizados nas pessoas entre os 20 e os 29 anos e outros 17% e 16% na faixa etária 40 aos 49 anos e dos 30 aos 39 anos, respectivamente.

“O aumento nos jovens é comum a todo o país. Não estão vacinados, têm muitos contactos entre si, têm menos adesão às medidas de protecção individual e isso, combinado com o período de fim de aulas em que há festas organizadas pelos próprios alunos, contribui para este aumento. Os

casos continuam a disparar, principalmente, na faixa dos 20 aos 29. No Algarve esse aumento é brutal e já é semelhante ao que aconteceu em Janeiro”, avança Carlos Antunes.

Já Miguel Prudêncio acredita que o número de casos nestas faixas etárias continuará a subir, tendo em conta não só o facto de serem grupos em que a vacinação não está completa ou iniciada, mas também a circulação de variantes mais transmissíveis, como a Delta.

Lisboa e Vale do Tejo com a maior parte dos internamentos

Segundo os dados fornecidos ao PÚBLICO pelas Administrações Regionais de Saúde (ARS) de todo o país, Lisboa e Vale do Tejo era, no fim da semana passada, a região com mais doentes hospitalizados, tanto em enfermaria como em unidades de cuidados intensivos. Este aumento, acompanhado também de uma subida no número de novos casos, já vem acontecendo nas últimas semanas e até obrigou a impor medidas especiais em parte da região.

Lisboa e Vale do Tejo tinha, a 21 de Junho, 294 doentes internados (225 em enfermaria e 69 em UCI). Destes, 54 estavam entre os 70 e os 79 anos e outros 54 entre os 50 e os 59 anos. Existiam ainda 53 doentes hospitalizados com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos.

Em comparação, a região do Algarve tinha, no mesmo dia, 24 doentes internados, 16 destes acima dos 60 anos e o Norte tinha 52 doentes hospitalizados, sendo que a faixa etária com mais pessoas internadas era a dos 60 aos 69 anos (16 doentes) e a dos 40 aos 49 anos (15 doentes).

Por outro lado, Carlos Antunes diz que a tendência de descida da idade das pessoas que estão internadas estabilizou em relação às últimas semanas. A média de idade dos doentes em cuidados intensivos é agora de 55 anos e dos internados em enfermaria de 60 anos. “Em Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve os internamentos das pessoas com mais de 80 anos estão a subir e a taxas razoáveis”.

Já Miguel Prudêncio diz que estes dados “batem certo” com aquilo que sabemos que é o “papel das vacinas” nesta equação. “Não é de espantar que estejamos a ter, em termos de ocupação hospitalar, uma proporção de pessoas mais jovens do que vimos em fases anteriores, precisamente porque as pessoas mais idosas são as que têm uma taxa de cobertura

vacinal já maior”, refere. “Proporcionalmente, neste momento, estas faixas etárias estão mais representadas, não porque estejam a ser mais afectadas mas porque está a haver menos casos de internamento nas faixas etárias mais avançadas”

No entanto, o investigador afirma que a protecção que se consegue com a vacina não é “instantânea” e que esse detalhe pode explicar o facto de ainda existirem pessoas já protegidas com a vacinação completa a morrer. “Começamos a montar uma resposta imunitária após termos sido vacinados, mas só ao fim de duas semanas é que temos níveis de anticorpos já detectáveis, que vão aumentando progressivamente, é um processo contínuo. E mesmo no pico da protecção, as vacinas não são 100% eficazes contra a infecção, nem sequer contra a doença grave. Ou seja, há casos em que as pessoas vacinadas podem contrair a infecção, desenvolvendo doença ligeira ou assintomática, mas continuando a poder transmitir”.

Carlos Antunes diz, por sua vez, que é preciso monitorizar de perto o aumento do número de pessoas que necessitam de internamento uma vez que a variante Delta, já dominante em algumas regiões do país, “causa internamentos de maior gravidade para as faixas mais novas”. “Mesmo que um internamento não cause morte, causa pressão nos hospitais, que têm de desviar outros recursos não-covid-19”, refere o matemático.